



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A (NÃO) CONFIABILIDADE DO NARRADOR DE *LOLITA* DE VLADIMIR NABOKOV

GIOVANNA ROBERTA DA SILVA CRUZ

Brasília

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

GIOVANNA ROBERTA DA SILVA CRUZ

A (NÃO) CONFIABILIDADE DO NARRADOR DE *LOLITA* DE VLADIMIR NABOKOV

Monografia em Literatura apresentada ao curso de Letras
Português da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Trindade Nakagome

“Os livros mais inquietantes são aqueles que nos tiram os olhos das páginas.”

(Roland Barthes, *Crítica e verdade*).

Dedico este trabalho a Deus, à minha mãe, ao meu irmão e a toda minha família por sempre acreditarem em mim. Dedico, também, à Prof.^a Dr.^a Patricia Trindade Nakagome pelos conselhos e confiança.

AGRADECIMENTOS

Reservo este espaço para agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a dar meus primeiros passos academicamente, passos esses que são para a vida. São agradecimentos que me enchem os olhos de alegria, pois vejo que consegui concluir uma etapa importante com o término deste curso.

Este trabalho traz consigo muito esforço e dedicação. Pensei que o caminho seria linear; não ocorreu, porém. Em meio às dificuldades, sempre avistada uma luz, isso me dava um pouco mais de força para poder continuar. Reforço que não andei só, tive a presença de pessoas queridas que levo no meu coração, ora a vida nos afasta, ora a vida nos une, mas digo a vocês: jamais seria quem eu sou se não tivesse vocês em minha vida. E como diz Guimarães Rosa: *Quem escolheu a trajetória não pode recusar o percurso.*

Começo dedicando a Deus, por nunca me abandonar e sempre me direcionar por mais perdida que pensei que estivesse. *Portanto, procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente. 1 Coríntios 12:31.*

A Nossa Senhora de Fátima, minha mãe que cuida e olha por mim! Obrigada, mãe! Obrigada por me proteger e guiar! *Nossa Senhora de Fátima, rogai por nós.*

A minha mãe, amor da minha vida. Sem você eu nada seria, sem você não teria o porquê de estar aqui. Sempre me ajudando, confiando, apoiando e me dando força para prosseguir. Por isso, vamos prosseguir, vamos prosseguir sempre juntas! Você é a luz que ilumina minha vida. Obrigada por acreditar em mim, obrigada pela paciência e zelo. Dedico a você todas as NOSSAS vitórias. *Tudo aquilo que sou, ou pretendo ser, devo a um anjo, minha mãe.*

A minha madrinha, anjo em minha vida! Segunda mãe que Deus me deu. Sempre esteve presente e com a mão estendida para ajudar sem medir esforços. Obrigada por existir em minha vida! Obrigada por ser minha segunda mãe! *Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.*

Ao meu irmão, querido e amado! Admiro o ser que você é. Um ser de luz! Confesso a você que me formo agora em Letras, mas quem tem o dom das palavras é você! E dom você sabe, nasce com a gente! Amo você! *Somos assim. Sonhamos o voo, mas tememos as alturas. Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não*

podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.

Ao Yan, sobrinho querido que me fez brincar com ele, em alguns momentos em que escrevia este trabalho. *A vida é curta e pelo menos metade do mundo é terrível, e para cada gentil estranho, há um que lhe despedaçaria, mas não às crianças. Estou tentando vender o mundo a elas. Qualquer corretor de imóveis decente, lhe apresentando uma verdadeira espelunca, gorjeta sobre boa ossatura: este lugar poderia ficar lindo, não é? Você poderia fazer este lugar ficar lindo.*

A melhor professora que já tive, Patricia Nakagome, minha querida prof! Sorte a minha conhecê-la. Agradeço a Deus e ao destino por ter cursado a disciplina de ITL. Lembro-me que procurava um horário que fosse compatível com minha grade, e foi assim que conheci um anjo! Conheci a senhora e o dom que tem de ensinar. Além disso, se não fosse esse anjo em minha vida, não conheceria o livro *Lolita*, não conheceria o poema *Boa Ossatura* e tantos outros textos que levo comigo. A senhora é minha inspiração de profissional, de ser humano! Todo texto que leio, escuto a sua voz ecoar! Obrigada por tudo! Obrigada por confiar em mim, obrigada por todas as oportunidades! Obrigada, obrigada, obrigada! Além do mais, será que poderíamos definir o que literatura com uma frase de Fernando Pessoa? *A literatura, como toda a arte, é uma confissão de que a vida não basta.*

A Anna Karollina, amiga que ganhei nas letras e que quero levar para a vida. Amiga de Restaurante Universitário, famoso RU, amiga do ônibus lotado, famoso 110, amiga do você vai à aula hoje? *Era uma pessoa igual a cem mil outras pessoas. Mas, eu fiz dela um amigo, agora ela é única no mundo.*

Ao Rodrigo, amigo querido que sempre me ajudou no universo acadêmico. Amigo que a vida afastou de mim, mas levo em meu coração! Tenho enorme gratidão por toda a ajuda que me concedeu. Obrigada pelo braço amigo, pelos conselhos, pelos livros e por tudo! Jamais me esqueceria de colocar seu nome na lista dos meus agradecimentos! Obrigada, Rô! *Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.*

Ao Felipe, amigo que a vida acadêmica me proporcionou. Saiba que a jornada acadêmica ao seu lado foi muito melhor! Existem anjos que entram em nossa vida e saiba que você foi um! Lembro-me do dia que te conheci e espero que a vida permita que você continue presente nela. Às vezes, por questões de minutos, a pessoa entra em nossa vida e torna cada momento

mais especial. Se eu soubesse que o encontraria com um atraso de cinco minutos, com certeza me atrasaria. *Podia dar-lhe outra resposta mais breve, e dizer-lhe simplesmente que tudo isto sucedeu porque me atrasei cinco minutos.*

Ao Daniel, amigo poeta! Jamais imaginei que em uma aula de Literatura Portuguesa, dedicada ao estudo das obras de Fernando Pessoa, iria conhecer um menino que quase não falava comigo, mas o poema nos uniu. Foi através daquele trabalho que pude conhecer o ser incrível que você é. Quero que saiba que o admiro e levo você em meu coração, para sempre! Obrigada por todos os poemas, frases, e-mails. Obrigada por compartilhar comigo seus escritos. *Quando acreditamos apaixonadamente em algo que ainda não existe, nós o criamos. O inexistente é o que não desejamos o suficiente.*

Ao Armando Nascimento (*in memoriam*), exemplo de ser-humano atencioso, carismático e um excelente profissional. Deixo aqui minha singela admiração em sua memória. *A saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas.*

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade analisar a não confiabilidade do narrador na obra *Lolita* de Vladimir Nabokov. A confiabilidade pode ser questionada por se tratar de um narrador que conta a história e também é protagonista. Devido a isso, o narrador em primeira pessoa vai conduzir o leitor a uma leitura enganosa, envolvendo-o e seduzindo-o para que acredite nos argumentos elencados. Apesar disso, um leitor experiente vai perceber em cada detalhe o labirinto que é criado com o intuito de velar outros pontos de vistas.

Palavras-chave: Lolita, autodiegético, narrador não confiável.

ABSTRAT

This monograph aims to analyze the unreliability of the narrator Lolita, by Vladimir Nabokov's. Reliability can be questioned because it is the narrator who tells the story and is also the protagonist. Due to this, the narrator in first person will lead the reader to a misleading reading, involving him and seducing him to believe the arguments listed. Despite this, an experienced reader will notice in every detail the labyrinth that is created in order to veil other points of view.

Keywords: Lolita, autodiegetic, unreliable narrator.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
NARRADOR: LOLITA	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

Ao realizar a leitura de um livro, os leitores se envolvem com a obra e nem sempre questionam sobre a confiabilidade do escrito, ou seja, sobre o tipo de narrador que conta a história. É fato que os leitores estão cientes do enredo, pois este é fundamental para a narrativa, tendo em vista que as histórias apresentam, em regra, início, meio e fim. Contudo, o que algumas pessoas esquecem é que a história contada parte de uma visão, ou seja, podem existir diferentes versões. Com isso, é perceptível a importância de conhecer o tipo de narrador ao mergulhar em uma obra.

A ideia básica sobre narradores se resume em narrador de primeira ou terceira pessoa, entretanto, Gérard Genette traz um conceito mais detalhado em sua obra *Discurso da Narrativa* (1972). Ele define heterodiegético o narrador que não participa dos eventos narrados, em contraste denomina homodiegético o narrador que participa dos eventos narrados como personagem. Caso o narrador seja protagonista da ficção, é chamado de autodiegético.

O foco deste trabalho é analisar a confiabilidade da história de um narrador autodiegético. Mais precisamente, o estudo da obra *Lolita*, que possui um ponto de vista do narrador-personagem, o qual também é protagonista. Logo, pensamos que não há outra saída a não ser confiar. Todavia, quando o leitor se depara com ideias que contrastam com a do narrador, é possível, sim, que se possa pensar diferente. Essa ideia é defendida por Jonathan Culler em *Teoria Literária: uma introdução*.

Aceitamos uma afirmação até que nos deem motivo para pensar de outra forma. Os narradores são às vezes chamados de não confiáveis quando fornecem informação suficiente sobre situações e pistas a respeito de suas predisposições para nos fazer duvidar de suas interpretações dos acontecimentos, ou quando encontramos motivos para duvidar que o narrador partilha os mesmos valores que o autor. (1999, p.89).

Diante desta citação, tento estabelecer caminho alternativo do que foi proposto pelo narrador do romance *Lolita*, do russo-americano Vladimir Nabokov, publicado em 1955, com a presença do narrador Humbert Humbert, chamado de HH.

Na obra analisada, uma das consequências da narração em primeira pessoa é a ausência da voz feminina, logo, não existe espaço para a personagem poder manifestar seus posicionamento e refutar as ideias narradas. Em *Lolita*, o protagonista e narrador HH, um homem, por volta quarenta anos, defende que viveu um grande amor com uma menina, Lolita, de doze anos. Contudo, o posicionamento da criança é velado, por conseguinte, é necessária uma reflexão sobre o poder de convencimento de narradores autodiegéticos.

A visão do narrador como personagem é dotada de subjetivismo, pois retrata a história a partir de sua posição, com suas ideologias e preceitos, porém, devemos lembrar que toda história é contada a partir de um ponto de vista. Como já dizia Leonardo Boff em seu livro: *A Águia e a Galinha* (1997, p.02) “Todo ponto de vista é a vista de um ponto.” Menciono esta passagem para que possamos refletir sobre os diferentes posicionamentos que uma história pode ter, ainda mais contada por um narrador protagonista. Com isso, tenho por objetivo elucidar o poder da narração de HH com a finalidade do silenciamento feminino, visto que se não tivermos cuidado no decorrer da leitura, somos seduzidos por um narrador não confiável, entretanto, podemos voltar na citação de Culler: “Aceitamos uma afirmação até que nos deem motivo para pensar de outra forma...” Diante dessas ideias, escrevo este trabalho para mostrar que o posicionamento do narrador autodiegético não é o único.

Para isso, é necessária uma reflexão sobre o papel da linguagem, pois é através dela que nos comunicamos e convencemos, ou não, outra pessoa. Além disso, ela é dotada de ideologia, ou seja, tem uma razão de ser utilizada e traz consigo marcas de quem fala e do contexto em que se fala.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1997, p. 95)

O homem utiliza, e sempre utilizou, a linguagem para se comunicar, sendo a forma oral a primeira registrada e em seguida a escrita passou a fazer parte do cotidiano do indivíduo. Essa pequena percepção cronológica nos ajuda a entender que o homem produz linguagem e através dela que os narradores contam a sua história.

Há diversas formas de contar histórias, por exemplo, com a utilização da linguagem verbal ou não verbal, por imagens, por gestos, por sons, etc. Para que ocorra interação, é necessária a presença dos interlocutores, ou seja, quem fala, com quem se fala e sobre o que se fala. Com base nisso, toda narrativa se estrutura em alguns elementos essenciais, são eles: os acontecimentos, ou seja, o enredo, os personagens, em tempos e espaços determinados e, fundamentalmente, a presença de um narrador. Todos esses elementos (enredo, personagens, tempo, espaço, narrador) compõem a narrativa. Genette explica minuciosamente a definição de narrativa.

Num primeiro sentido: Narrativa designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos (...). Num segundo sentido designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem objeto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, de repetição, etc. Num terceiro sentido, que é aparentemente o mais antigo, narrativa designa, ainda, um acontecimento já não, todavia, aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o acto de narrar tomado por si mesmo. (1989, p. 23-24).

Ao realizar a leitura de um livro, devemos nos atentar a essas ideias, pois é fundamental notar os acontecimentos do enredo, com o envolvimento dos personagens em um determinado espaço e a percepção de quem conta a história e em qual tempo. Todos esses fatores influenciam na leitura e compreensão das obras. Ao encontro com essas ideias, Cândida Vilares Gancho, em seu livro *Como analisar narrativas* (2006, p. 04), exemplifica cada um desses aspectos e traz perguntas que podem ser feitas no decorrer da obra: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê?

Em consonância com tal pensamento, cito uma passagem que aprofunda essas reflexões, no artigo “O ponto de vista na ficção. O desenvolvimento de um conceito crítico.”

Já que o problema do narrador é a transmissão apropriada de sua história ao leitor, as questões devem ser algo como:

- 1) Quem fala ao leitor? (autor na primeira ou terceira pessoa, personagem na primeira ou ostensivamente ninguém?);
- 2) De que posição (ângulo) em relação à história ele a conta? (de cima, da periferia, do centro, frontal mente ou alternando?);
- 3) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a história ao leitor? (palavras, pensamentos, percepções e sentimentos do autor, ou palavras e ações do personagem; ou pensamentos, percepções e sentimentos do personagem: através de qual-ou de qual combinação - destas três possibilidades as informações sobre estados mentais, cenário, situação e personagem vêm?);

4) A que distância ele coloca o leitor da estória? (próximo, distante ou alternando?).

Esses são os questionamentos que elucidarei no decorrer deste trabalho, a fim de definir o papel do narrador da obra. Um exemplo disso é a mesma história ser contada de uma forma diferente, ou seja, o emissor vai inserir na história suas impressões pessoais e camuflar, ou não, determinadas informações. Um exemplo dessa percepção pode ser visualizado no livro *Português Esquematizado*, de Agnaldo Martino (213, p. 298).

As diferentes maneiras de contar a mesma história...

Se a história da Chapeuzinho Vermelho fosse verdadeira, como ela seria veiculada pela imprensa brasileira?

Cidade Alerta

Onde é que a gente vai parar, cadê as autoridades? Cadê as autoridades? A menina ia pra casa da vovozinha a pé! Não tem transporte público! Não tem transporte público! Es devorada viva... Um lobo, um lobo safado. Põe na tela, primo! Põe a cara desse marginal no ar, porque eu falo mesmo, não tenho medo de lobo, não tenho medo de lobo, não! Presta bastante atenção, gente, essa história é impressionante! Não saia daí: daqui a pouco eu volto nesse caso.

Globo Repórter

Tara? Fetiche? Violência? O que leva alguém a comer, na mesma noite, um dos adolescente? O Globo Repórter conversou com psicólogos, antropólogos e com os amigos e parentes do Lobo em busca da resposta. Vamos viajar pela mente do psicopata. E uma revelação: casos semelhantes acontecem dentro dos próprios lares das vítimas, que silenciam por medo, Hoje, no Globo Repórter...

A partir do exemplo, podemos notar variadas formas de se contar a mesma história, a depender do emissor. O foco da narrativa de *Chapeuzinho Vermelho* é retratado de diferentes formas, e isso aconteceria, também, no livro analisado neste trabalho. A reflexão que surge é como a trama seria narrada por outras pessoas. Fato é que as possibilidades seriam inesgotáveis, mas a ideia, neste trabalho, é observar como o narrador utiliza a linguagem a seu favor. Contudo, antes se faz necessário o entendimento da diferença do texto literário e texto não literário.

O texto literário tem uma dimensão estética multissignificativa e dinâmica, que possibilita a criação de muitas e novas relações de sentido. Com predomínio da função poética da linguagem, é um meio importante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação dessa realidade... No texto não literário, as relações são mais restritivas, tendo em vista a necessidade de uma informação mais objetiva e direta no processo de documentação da realidade, com predomínio da função referencial da linguagem, e na interação entre

os indivíduos, com predomínio de outra funções. (MARTINO. p. 293).

Diante disso, nota-se que, pelo texto em análise ser literário, devemos ter o cuidado de realizar uma leitura que leve em conta seus múltiplos sentidos possíveis. Isso, como veremos, nem sempre é fácil quando somos conduzidos pelas hábeis palavras de um narrador culpado.

NARRADOR: LOLITA

Lolita, luz da minha vida, fogo da minha carne. Minha alma, meu pecado. Lo-li-ta: a ponta da língua toca em três pontos consecutivos do palato para encostar, ao três, nos dentes. Lo-ti-ta.

Ela era Lo. Apenas Lo, pela manhã, um metro e quarenta e cinco de altura e um pé de meia só. Era Lola de calças compridas. Era Dolly na escola. Dolores na linha pontilhada. Mas nos meus braços sempre foi Lolita. (NABOKOV, 2011, p.13).

Pensei várias outras citações para iniciar este capítulo, porém senti que deveria começar com esta. O motivo de colocar esta citação é para que fique perceptível que logo no início do livro, a romantização das palavras é nítida. Por isso, muitas pessoas acreditam que se trata de uma história de amor.

A leitura do trecho tem sentido poético, a presença, por exemplo, das palavras “fogo”, “carne”, “alma” e “pecado” nos detona algo intenso, ou seja, uma paixão arrebatadora. Seria essa paixão um abuso velado? Acredito que está mais para um abuso explícito, porém romantizado com belas palavras.

A justificativa inicial para duvidar da história narrada é o fato de ser contada em primeira pessoa. Além disso, apresenta lembranças, e sabemos que as memórias quando são contadas sofrem marcas do tempo e da subjetividade. Mas temos muitos outros motivos para duvidar da história, visto que temos apenas uma versão dela, contada pelo culpado. O fato da culpabilidade do narrador é exposto logo no prefácio: “Humbert Humbert morrera na prisão, de trombose coronariana, em 16 de novembro de 1952, poucos dias antes da data prevista para o início do seu julgamento.” (ibidem. p. 07). Portanto, de início, já sabemos que algum crime foi cometido. “Senhoras e senhores do júri, a prova número um é aquilo que os serafins, os próprios serafins desinformados e simplórios com suas asas preciosas, invejaram. Contemplai esse emaranhado de espinhos.” (ibidem. p. 13).

A história é retratada a partir de memórias, esse é um forte indício de que não há possibilidade de contá-la exatamente como ocorreu, pois, entre outros fatores, é influenciado pelo tempo. Na verdade, é uma reconstrução do passado a partir das lembranças. No livro *Confissões de Santo Agostinho*, o autor discorre muito bem sobre o tempo.

Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem indaga, já não sei. Contudo, afirmo com certeza e sei que, se nada passasse, não haveria tempo passado; que se não houvesse os acontecimentos, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse agora, não haveria tempo presente. Como então podem existir esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado já não existe e se o futuro ainda não chegou? Quanto ao presente, se continuasse sempre presente e não passasse ao pretérito, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente, para ser tempo, deve tornar-se passado, como podemos afirmar que existe, se sua razão de ser é aquela pela qual deixará de existir? Por isso, o que nos permite afirmar que o tempo existe é a sua tendência para não existir. (2017, p.120).

A percepção do tempo nos mostra que há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa, o que resulta em uma anacronia da narrativa, ou seja, o que acontece no romance analisado neste trabalho, pois o protagonista relata os acontecimentos com base em um tempo passado, e se passou não existe mais, o que resta, portanto, são lembranças misturadas com emoções e sensações.

Esse tempo passado, foi longo quando já havia passado ou quando ainda estava presente? Porque ele só podia ser longo enquanto existia alguma coisa que pudesse ser longa. **Mas uma vez passado, não existia mais: donde se conclui que não podia ser longo, porque já deixara de existir.** Não digamos, portanto: “O tempo passado foi longo” – pois não encontraremos nada que pudesse ter sido longo; uma vez passado não existe mais. Mas digamos: “O tempo presente foi longo” – porque só era longo enquanto presente. Ainda não havia passado, ainda não havia deixado de existir, e por isso era susceptível de ser longo. Mas logo que passou, deixou de ser longo, porque cessou de existir. (Ibidem, p.120, grifo meu).

Essa percepção trabalhada na obra de Santo Agostinho nos ajuda a refletir sobre o tempo. Algo que julgamos conhecer e que pensamos ter controle sobre, porém o tempo passa diante dos nossos olhos. E o que é presente agora, é o passado de amanhã e o futuro do depois de amanhã. E se passou não existe mais e o que resta dele são as recordações.

O narrador de um texto do gênero memórias literárias precisa reconhecer que as narrativas contadas têm como base as experiências vividas pelo autor no passado, mas narradas no presente. Essa é uma característica que diferencia o gênero em questão de outros gêneros que têm como ponto de referência as experiências vividas pelo autor, como no caso da autobiografia, do diário e do relato histórico. (GEDOZ; COSTA-HUBES. 2010. p.12).

A memória é um indício de que devemos questionar o que está sendo contado. Ainda mais no caso de Humbert, que se encontra em um julgamento que decidirá o desfecho

do restante da vida. Logo, o protagonista fará jus aos seus argumentos, como um bom professor de literatura que domina bem as palavras.

Quando lemos uma história de vida, devemos estar sempre conscientes de que o autor nos conta apenas uma parte de sua história, que escolhe os fatos de maneira a nos apresentar uma certa imagem elaborada de si. O confronto entre o passado de um indivíduo e sua verbalização, a busca da diferença entre o que o narrador diz que fez ou sentiu e o que ele realmente realizou está no centro da problemática deste tipo de escritura. (ARAGÃO. 1992. p.4).

Além das memórias contadas por Humbert, ele é um homem que possui uma imaginação fértil, ou seja, gosta de criar situações. “Como eram maravilhosas as aventuras que eu me imaginava, enquanto fingia, sentado num duro banco de parque, estar imerso nas páginas trêmulas de um livro. ” (NABOKOV. p.25). A imaginação de Humbert é voltada principalmente para meninas entre nove e catorze anos, as quais são consideradas ninficas, por ele. Contudo, um fato questionável é que segundo ele, não são todas as crianças consideradas ninficas, sendo que apenas alguns sabem diferenciar esse segredo. Logo, qual segredo seria esse? Seria o segredo de possuir uma mente doentia? Ou melhor, o que ele quer sugerir com a palavra segredo? Na verdade, o que ele está tentando fazer é tirar a culpabilidade dele, afinal, se apenas algumas crianças possuem esse segredo, a culpa não poderia ser dele.

Agora quero apresentar a seguinte ideia. Entre os nove e catorze anos de idade, ocorrem donzelas que, a certos viajantes enfeitiçados, duas ou muitas vezes mais velhos do que elas, revelam sua verdadeira natureza que não é humana, mas ninfica (isto é, demoníaca); e essas criaturas predestinadas proponho designar como “ninfetas.”

Deve-se notar que emprego termos temporais, e não espaciais. Na verdade, prefiro que o leitor visualize “nove” e “catorze” como os limites – duas praias espelhadas, com seus rochedos cor-de-rosa – de uma ilha encantada infestada dessas minhas ninfetas, tendo a toda volta um mar, vasto e nebuloso. **Entre esses dois marcos etários, todas as meninas serão ninfetas? Claro que não. De outro modo, nós que conhecemos o segredo, os viajantes solitários, os adeptos da ninfolapse, teríamos todos enlouquecido há muito tempo.** (Ibidem, p.21. Grifo meu).

O protagonista discorre sobre sua imaginação com as crianças e ao mesmo tempo tenta justificar que isso não causaria dano a elas. É isso que Humbert faz no decorrer de todo o livro, justifica os seus atos a fim de ser inocentado pelo júri e até por nós leitores. Mas afinal, quem são as vítimas de Humbert? Quem é Lolita? Será que, nós leitores,

seríamos mais uma vítima desse narrador que nos envolve com sua linguagem a ponto de esquecermos os atos puníveis que comete?

Embora o título do livro seja denominado *Lolita*, a menina não tem controle nenhum sobre a história. “Lolita, ou A confissão de um viúvo branco, esses os dois títulos sob os quais o autor da presente nota recebeu as estranhas páginas que ela prefacia.” (ibidem, p.7). Logo, Dolores, a Lolita, foi atribuída com o nome no título, porém não há espaço para que a menina conte sua versão. E se não temos a versão de Dolores, não podemos pensar que a versão de HH é indubitável, pelo contrário, ela é completamente duvidável.

Muitas meninas são citadas no decorrer da história como vítimas de Humbert, ele sintetiza por chamá-las de ninficas, que para ele é sinônimo de demoníaca. Começamos, então, por Dolores Haze, a Lolita, criança de 12 anos, vítima de Humbert, o qual tinha por volta dos seus 30 anos. Eles se conhecem quando HH precisa residir por um tempo na casa da mãe de Dolores, e na tentativa de se aproximar da menina, casa-se com a mãe dela, a qual morre pouco tempo depois, e assim abre caminho para os acontecimentos da crescente obsessão do protagonista. Além da morte da mãe, Lolita tem que lidar com um padrasto abusador, sendo que ele deveria agir com uma postura contrária.

A propósito: muitas vezes me perguntei o que era feito dessas ninfetas mais tarde. Neste férreo mundo em que causas e efeitos se entrecruzam, não poderia a palpitação oculta que eu lhes roubava afetar o futuro delas? Eu a possuía – e ela nunca soube. Está certo. Mas isso não se revelaria em algum momento posterior? Será que de algum modo eu não interferira no destino *delas* ao envolver sua imagem em minhas *voluptas*? Ah, isso era, e continua a ser, fonte de intensas e terríveis cogitações. (Ibidem, p.26-27).

A imaginação condenável deste homem é materializada com algumas crianças. Sendo que a justificativa dada por ele para ter esse desejo por crianças é que quando era criança não concretizou a paixão por uma menina, Annabel Lee, na época também com sua idade. Segundo o narrador, o fato desse romance não ter concretizado fez com que essa obsessão por crianças surgisse. Com isso, é notório mais uma justificativa dada por ele para diminuir sua culpa. “Teve uma precursora? Sim, admito que sim. Abem da verdade, não poderia ter havido Lolita se eu não tivesse amado, num verão, uma menina inicial. Num principado à beira-mar.” (p.13).

Eu estava de joelhos, e a ponta de possuir minha amada, quando dois banhistas barbados, o velho do mar e seu irmão, emergiam do oceano com exclamações de estímulo devasso, e quatro meses mais tarde ela morrei de tifo em Corfu [...] Estou convencido, porém, de que algum modo mágico e fatídico Lolita começou com Annabel. (p.18).

Humbert deseja crianças, e isso é evidente no decorrer do livro. Ele era atraído, acredito, pela inocência das crianças. Sendo que quando essas se tornam menos infantis, ele não tem o mesmo desejo. Como evidente neste trecho em que é relatado o encontro com Monique, criança com a qual Humbert teve relações. “Tive um encontro com ela no dia seguinte às duas e quinze da tarde em meus próprios aposentos, só que menos bem-sucedido, ela parecia ter-se tornado menos juvenil, mais mulher de um dia para o outro.” (p.29).

Ele queria apenas que essas meninas fossem eternas crianças para que ele pudesse ter contato com elas, como é explícito: “Ah, deixem-me em paz no meu parque pubescente, meu jardim de musgos. Deixem-nas brincar à minha volta para sempre. Não cresçam jamais.” (p.26). Além desses aspectos, Humbert narra que ficou um período no sanatório devido a um colapso nervoso. Mas o fato é que mesmo no sanatório, HH se mostrou ser muito esperto e consciente com os seus atos.

Descobri que existia uma fonte inesgotável de intenso entretenimento em zombar dos psiquiatras: fornecer-lhes ardilosas pistas falsas; jamais deixar que percebessem o quanto conhecemos os truques do seu ofício [...] Subornando uma enfermeira, adquiri acesso a certos arquivos e encontrei, para meu grande regozijo, fichas que me definiam como “potencialmente homossexual” e “totalmente impotente” A diversão era tamanha, e seus resultados – no meu caso – tão estimulantes que permaneci internado por mais um mês depois de plenamente recuperado (dormindo admiravelmente e comendo como um escolar). (Ibidem, p.42).

Apesar de estar em um sanatório, ele se divertia por fornecer pistas falsas aos psiquiatras, com isso podemos notar o quão consciente este homem é com os seus atos. É isso que ele faz através da linguagem, nos engana e nos envolve a fim de romantizar um verdadeiro caso de pedofilia.

Após o período do sanatório, Humbert procura um novo lugar para ficar. Até que se depara com a situação de ficar um período na casa de alguns conhecidos que possui uma criança de doze anos. No decorrer da história é possível notar que todos os fatos narrados foram muito bem pensados, assim como fica evidente quando diz que já podia imaginar a ninfeta. [...] “passei uma noite fantástica no trem, imaginando com todos os

detalhes possíveis a ninfeta enigmática a quem eu daria aulas de francês e apalparia em humbertês.” (p.43).

Os planos de HH foram quase destruídos quando soube que a casa a qual ficaria havia sido acometida pelo fogo, portanto passaria a ficar na casa vizinha. Diante dessa situação, ele se mostra impaciente e apático, pouco se importando com a família que acabou com a casa destruída.

Mas não havia a menor possibilidade de eu me instalar ali. Eu jamais poderia sentir-me bem naquele tipo de residência com revistas amarfanhadas em cada poltrona e uma espécie de hibridização horrenda entre a comédia de chamada “móvel funcional moderna” e a tragédia de cadeiras de balanço decrepitas e abajures periclitantes com a lâmpada queimada em cada mesinha. (Ibidem, p.46).

Os sonhos do protagonista com a ninfeta não foram tão frustrados assim, visto que só teria mudado a vítima, já que na casa que agora ficaria também habitava uma criança. Logo, para Humbert, mudou a vítima, mas seus planos seriam mantidos. Ademais, HH não se mostra triste com este fato, o mesmo diz que Dolores era muito mais bonita. “A filha dos McCoos? Ginny McCoo? Ah, ela é medonha! E malvada. E manca. Quase morreu de pólio.” (p.50). Portanto, a insatisfação de Humbert por ficar na casa vizinha seria logo preenchida por uma alegria ao deparar-se com Dolores.

Acho de suprema dificuldade em exprimir com a devida força aquele clarão, aquele frêmito, o impacto daquele reconhecimento apaixonado. No transcurso do momento ensolarado que meu olhar demorou coleando sobre a menina ajoelhada (seus olhos piscavam por cima dos austeros óculos escuros – a pequena Herr Doktor que iria curar-me de todas as dores), enquanto eu passeava ao lado dela envergando meu disfarce de adulto (um belo e alto exemplar de hombridade hollywoodiana), o vácuo da minha alma conseguiu de alguma forma capturar todos os detalhes de sua brilhante beleza, que cotejei por sua vez com os traços da minha prometida morta. Logo, claro, ela, essa *nouvelle*, essa Lolita, *minha* Lolita, eclipsaria totalmente o protótipo. Só quero enfatizar aqui que minha descoberta dela foi uma consequência fatal daquele “princiado à beira-mar” em meu passado atormentado. Tudo entre esses dois acontecimentos fora apenas uma série de tropeços e malogros, e falsos rudimentos de felicidade. Tudo que elas tinham em comum as transformavam numa só. (Ibidem, p.48).

Humbert se vê envolvido com Dolores, e todas as atitudes que ela tem, ele acredita que seja a fim de seduzi-lo, até o mesmo o jeito de andar e de falar. A maldade está imbricada na cabeça do pedófilo e não na criança. A hipersensualização que ele possui com as crianças faz com que ele veja em gestos simples, como o falar e o andar, uma

provocação. E mais uma vez a tentativa do narrador de isentar sua culpa, afinal, segundo ele, a criança que o provoca.

Por que a maneira como ela anda - é uma criança, vejam bem, uma simples criança! - me deixa tão abominavelmente excitado? Analisemos. Uma ligeira sugestão de pontas dos pés virados para dentro. Uma espécie de desprendimento ondulante de perna logo abaixo do joelho, prolongando-se até a ponta de cada pisada. O fantasma de um arrastar de pés. Muito infantil, infinitamente espúrio. Humbert Humbert também se sente infinitamente enternecido pela fala da pequena, coalhada de gírias, por sua vozinha aguda e rouca. (Ibidem, p.50-51).

Já foi dito no início deste trabalho que o homem que conta esta história está depondo, sua versão, diante do tribunal, logo fica evidente desde a primeira página do livro que este homem algo de errado cometeu. E mesmo com esse fato, alguns romantizam a história, e por quê? O motivo foi exposto no início deste trabalho: a linguagem. Este o narrador domina e por isso há dúvidas se é uma história de amor ou não. Ademais, HH é um professor de literatura, sabe utilizar bem as palavras e sabe a força que essas podem gerar a seu favor. Sem contar que Humbert possui um advogado, Clarence Choate Clark, o qual escolhe um editor que acabara de receber o Prêmio Poling por um trabalho realizado. O editor chama-se John Ray, e é o responsável pela escrita do prefácio. De todos os lados, Humbert está em posição favorável para seu discurso. Além disso, o narrador se dirige ao leitor, na tentativa de criar uma “amizade”, fato esse que o narrador consegue ao contar sua história de vida, criando assim um “laço” com o leitor. “Nasci em 1910, em Paris. Meu pai era um homem gentil e cordial, uma salada de genes raciais: cidadão suíço, descendente de franceses e austríacos, com uma boa dose do Danúbio nas veias.” (Ibidem, p.14). Além disso, há dúvidas, também, de quais fatos foram suprimidos da história, pois sabemos que alguns fatos foram retirados. “Minha tarefa acabou por mostrar-se mais simples do que qualquer um de nós dois antecipara. Salvo pela correção dos solecismos mais óbvios e a cuidadosa supressão de alguns pormenores.” (Ibidem, p. 7).

Todas essas artimanhas linguísticas são de fato importantes, diante da indubitável questão do crime. “Referências ao crime de H.H. podem ser localizadas pelos mais inquisitivos nos jornais diários de setembro-outubro de 1952.” (p.8). Portanto, os atos dolosos foram cometidos, sendo assim, o que resta ao narrador é lançar várias justificativas a fim de reverter à situação.

Humbert utiliza a linguagem muito bem, a ponto de algumas pessoas acreditarem que a pedofilia cometida foi um ato de amor. Entretanto, quando transpomos esta história para a realidade, fica evidente que é um caso de pedofilia, por isso fiz questão de diferenciar, no início deste trabalho, a diferença entre linguagem literária e não literária.

É um caso, infelizmente, não raro da realidade. Várias Lolitas existem, várias Lolitas sofrem sem entender o que sentem, afinal, são crianças e não entendem a situação que está sendo imposta acreditar como “normal.” Humbert cita que “o pequeno demônio mortífero misturado às crianças sadias; ela não é reconhecida pelas demais, e tampouco tem ciência do seu fantástico poder.” (p. 22).

Não existe a possibilidade de falar em amor quando envolve um homem de mais de trinta anos e uma criança com doze. Sim, uma criança, termo amparado no Estatuto da Criança e do Adolescente: Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

Entre vários trabalhos lidos a respeito do livro *Lolita*, um me chamou muita a atenção: *Lolita e a corte - o debate sobre a autonomia sexual da vítima de estupro com presunção de violência no Supremo Tribunal Federal*, de Luisa Teresa Hedler Ferreira, 2015. Compartilho uma parte que retrata uma análise dos *habeas corpus* sobre a relativização da presunção de violência nos últimos vinte anos. Isso retrata o quanto as Lolitas existem e como esses casos estão sendo tratados.

Após algumas considerações a respeito da criança, da mulher e seu papel no processo penal, podemos enfim conhecer as representações das lolitas que foram feitas não em páginas de livro, mas em autos de processo que chegaram até a última instância do Judiciário Brasileiro. Os 17 processos selecionados apresentam muitas particularidades inúmeras situações diferentes. O ponto em comum que os une é o fato de terem como vítima uma criança ou adolescente do sexo feminino, em situações nas quais houve contato sexual com um homem maior de 18 anos, tendo sido essa situação judicializada e resultando na condenação do acusado.(FERREIRA, 2015, p.57).

O trabalho citado reflete sobre os casos de abusos e traz dados sobre o assunto. Entretanto, discorrer mais sobre os casos existentes de abuso faria com que fugisse do tema central que é a literatura. O que desejo mostrar é que a literatura pode camuflar o que mais abominamos em nossa realidade. Por isso, a leitura e a reflexão de forma crítica se faz essencial diante de qualquer obra.

Apesar das justificativas aqui apresentadas e do esforço de pesquisa para mostrar a não confiabilidade do narrador em primeira pessoa, reconheço que muitas pessoas podem defender o narrador, porém, o fato é que a linguagem é uma verdadeira ambiguidade. De uma frase pode suscitar diversas opiniões, quem dirá um livro. Meu objetivo principal é mostrar a não confiabilidade do narrador por ser autodiegético, mas é possível encontrar trabalhos que defendam o narrador e até mesmo a falta de inocência de Dolores.

A culpabilidade de Humbert não pode ser retirada, visto que é explícito, em vários momentos, que HH tinha consciência dos atos que estava praticando. “Noutros momentos, eu me dizia que tudo era uma questão de atitude, que na verdade não havia nada de errado em ser afetado à loucura por garotinhas.” (p.24).

Mas sejamos comedidos e civilizados. Humbert Humbert fez o possível para comportar-se bem. É verdade que realmente tentou. Tinha o maior respeito pelas crianças comuns, com sua pureza e vulnerabilidade, e em circunstância nenhuma teria interferido com a inocência de uma se houvesse o mínimo risco de tumulto. Mas, como seu coração batia quando, em meio à aglomeração de inocentes, divisava uma criança demoníaca. (p.25).

Reconheço, também, que apesar dos argumentos defendidos neste trabalho, existem outros que defendem a não inocência de Lolita. Para exemplificação, cito o texto *O discurso de um narrador não confiável no romance “Lolita”, de Vladimir Nabokov*.

No livro, a figura de Humbert é bastante questionada, pelo fato de um homem de quase quarenta anos ter tido um envolvimento amoroso e sexual com uma pré-adolescente de 12 anos de idade, no entanto ao vermos as atitudes e características da menina Lolita, notamos que ela não é tão inocente, pois nos seus doze anos é sexualmente precoce e seduz sagazmente o professor de Literatura Inglesa. Jogo de sedução esse que enloquecia Humbert, como podemos perceber nessa passagem: Meu coração batia como um tambor ela sentou a meu lado no sofá, a saia leve inflando-se como um balão para depois ir murchando lentamente. Jogou para o alto a fruta luzidia, no ar onde já dançavam cintilantes partículas de poeira, e a apanhou com as duas mãos, produzindo um som oco e seco [...] A névoa reluzente que pairava antes meus olhos fez com que eu tivesse dificuldade em focalizar a fotografia e, como tardasse em reagir, Lolita começou a esfregar impacientemente os joelhos nus um contra o outro. (SOUZA, 2016. p.11).

Alguns argumentos se predem a superficialidade do livro e defendem o narrador, contudo, retomo, mais uma vez, ao pensamento de Culler: “Aceitamos uma afirmação até que nos deem motivo para pensar de outra forma...” Portanto, essa é a ideia deste

trabalho, apresentar outro aspecto de leitura e que devemos duvidar do que é dito por um narrador não confiável, visto que muitos dos argumentos deste livro podem ser refutados por se tratar da subjetividade do narrador. Logo, sempre haverá mais de um ponto de vista em uma história com narrador não confiável. Diante disso, questionar sobre o escrito proporciona uma leitura reflexiva e crítica sobre o assunto tratado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo questionar sobre a confiabilidade do narrador, especialmente na obra *Lolita*, que possui narrador autodiegético, ou seja, é protagonista da história que a relata. Isso faz com que se tenha apenas um ponto de vista do enredo, gerando a tendência a se acreditar no relator.

A história é contada sob o ponto de vista de um homem maduro, inteligente e professor renomado que por detrás dessa face de bom homem possui uma veneração por meninas mais novas, ou melhor, crianças. O protagonista utiliza-se de linguagem poética e romantizada para tratar como amor um enredo de pedofilia.

Fato é que por se tratar de um narrador de primeira pessoa, não sabemos se o que é relatado é verídico ou não. Por isso questionar a narração é fundamental para uma leitura crítica e reflexiva. Fica, assim, ao leitor a tarefa nem sempre fácil de determinar, tanto neste livro quanto na vida, sobre a culpa e a inocência daqueles que contam suas próprias histórias e, mais do que tudo, daqueles de quem não escutamos a voz.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Trad. Lorenzo Mammì. Confissões de Santo Agostinho. 1ª edição. Ed. Penguin, 2017.

ARAGÃO, Maria. Memórias Literárias na Modernidade, 1992. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/viewFile/11423/6898>. Acesso em: 18 out. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997 (VOLOCHINOV, V. N).

BOFF, Leonardo. A águia e a galinha. 1ª edição. Ed. Vozes Nobilis, 2017.

CULLER, Jonathan. Teoria Literária: uma introdução. 1ª edição. Ed. Beca, 1999.

FERREIRA, Luisa, Lolita e a Corte - O debate sobre a autonomia sexual da vítima de estupro com presunção de violência no supremo tribunal federal, 2015. Disponível em: file:///D:/LETRAS/TCC/4_LuisaTeresaHedlerFerreiraDIREITO.pdf. Acesso em: 18 out. 2021.

FRIEDMAN, Norma. Trad. Fábio Melo. O ponto de vista na ficção – o desenvolvimento de um conceito crítico. Revista USP, São Paulo, 2002.

GANCHO, Cândida. *Como analisar narrativas*. 9ª edição. Ed. Ática, 2006.

GEDOZ, Sueli; COSTA- HUBES, Terezinha. A Leitura do Gênero Discursivo Memórias Literárias a Partir de um Olhar Bakhtiniano, 2010. Disponível em: <file:///D:/LETRAS/TCC/novos%20textos/6528-28972-1-PB.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

GENETTE, Gerard. Discurso da Narrativa. 3ª Ed. Coleção Vega Universidade, 1989.

MARTINO, Agnaldo. Português Esquematizado. 2ª edição. Ed. Saraiva, 2013.
Confissões de santo Agostinho 2017

NABOKOV, Vladimir. Lolita. 1ª edição. Ed. Alfaguara, 2011.

